

A NOTICIA

11, 8, 7

Música Popular



Miúcha

Miucha e Tom, com todo o clima, com tudo em cima

Se o sujeito quer ser compositor, é horrível ser filho de Bach. As relações de parentesco, se fazem sucesso na antropologia, são um desastre na música popular e há como que um acordo tácito contra o parente do grande artista. Este direito desnecessário é a minha maneira de apresentar um dos maiores discos deste ano, o da cantora de Miucha, com participações especiais de Tom Jobim e Chico Buarque e produção de Aloysio de Oliveira. Miucha é irmã de Chico Buarque, é ex-mulher de João Gilberto. Isso, ao contrário de ajudá-la no sentido de impor uma intérprete sensível, acabou representando o mesmo fantasma que ainda persegue sua irmã Cristina, com dois discos lindos nas lojas (se é que as lojas compraram estes discos).

O parentesco e a convivência, evidentemente, beneficiaram Miucha de outra forma: no próprio desenvolvimento e amadurecimento de sua sensibilidade. Tanto que a sua carreira curta não registra equívocos, passos tateantes, hesitações: o compacto duplo na Phonogram é muito bem feito (prefiro pessoalmente o seu *Naturalmente* às outras gravações), a sua participação no elepê *O's Saltimbancos* é correta e imaginosa. Faltava, porém, um grande disco — um pequeno voto de confiança, que veio através da RCA e se materializa no sucesso da inclusão da faixa *Vai Levando* (que ela canta com Tom e Chico) na trilha sonora da novela *Espelho Mágico*.

O papel da novela divulgando o álbum de Miucha é quase escoteiro: faz a boa ação de ampliar o mercado natural de um produto que merece a deferência e oferece ao povo possibilidades mais diversificadas de opção (a "burrice" do povo é uma utopia: os responsáveis pelo *Seis e Meio* fizeram uma pesquisa sobre quais os artistas que deveriam se apresentar no João Caetano: 1.º lugar — Chico Buarque; 2.º — Milton Nascimento; 3.º — Paulinho da Viola. Estamos conversados).

Bom gosto e capricho: por mais subjetivas que sejam, estas são as palavras mais próximas de uma definição do elepê de Miucha.

A presença de Tom foi fundamental. Convidado por Aloysio para participar de uma faixinha, Tom se envolveu com o projeto todo — acabou dividindo o disco com Miucha. Na verdade, das 12 músicas que integram o repertório, ele assina apenas duas (*Samba do Avião* e *E Preciso Dizer Adeus*, esta com letra de Vinícius de Moraes). Mas não é por causa de Tom compositor que o disco cresceu tanto: talvez tenha sido por causa do Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, maestro e arranjador.

Na Batucada da Vida (Ary Barroso/Luís Peixoto) e *Seia do Caminho* (Custódio Mesquita/Evaldo Ruy) podem ser exemplos: seus autores são dois pianistas, Ary e Custódio, admirados por Tom, pianista também. As duas músicas são constantemente regravadas e algumas interpretações são primorosas (como a de Elis para *Na Batucada da Vida*) e isso torna sempre perigoso um nova gravação. Isso não afeta em nada o que Tom e Miucha realizam. Na sutileza das modulações e na malícia da divisão, eles perseguem os segredos que ainda podem florescer nas melodias mais que conhecidas.

As duas músicas mais de Vinícius de Moraes também ganham uma sinceridade comvente: *Pela Luz dos Olhos Teus* (quando compõe sozinho, o poeta jamais erra) e *Sei Lá* (com Toquinho). Mas, num disco de Miucha, por mais que isso pudesse ser mal compreendido, tinha que ter Chico — ele a homenageia com a belíssima *Maninha* ("se lembra da fogueira/ se lembra dos balões/ se lembra dos luazes dos sertões/ a roupa no varal/ feriado nacional/ e as estrelas salpicadas nas canções/ se lembra quando toda modinha/ falava de amor? Pois nunca mais cantei, oh! maninha/ depois que ele chegou...") e ainda tem no repertório os hits *Olhos nos Olhos* e *Vai Levando* (parceria com Caetano Veloso).

Tão raro quanto importante é fugir destes nomes já consagrados na escolha do repertório: e é aí que o disco se completa. No pessimismo do *Choro de Nada* (Eduardo Souto Neto/Geraldo Eduardo Carneiro), no draminha doméstico de *Comigo é Assim* (José Menezes/Luís Bittencourt). O elepê é dedicado a Radamés Gnatalli. Ótimo que alguém dedique alguma coisa a Radamés Gnatalli (noutro dia, salamos do Lamas, Pelão, ele e eu. Radamés se despediu e Pelão disse uma frase que eu assino: "O velho está com mais de 70 e é o maior músico deste país; um dos maiores orgulhos da minha vida é ser amigo dele, contemporâneo dele, poder conviver tão de perto com um gênio tão simples").

Roberto Moura



Tom

CRÔNICA DE BRASÍLIA

Dia de músicos, cantores e poetas na nova capital

Rivadavia de Souza

Ontem, aqui, foi dia de artistas, dia de poesia e de música, no entanto sem manifestações exteriores de uma e de outra. Acontece que a arte também possui a sua cozinha: não existe amor que resista a um estômago ressequido pela falta de alimento.

E como os restaurantes e bares vêm alimentando a sua clientela à custa de músicos e cantores impressos em discos ou fitas magnéticas, que por sua vez não participam da mesa, o ministro da Educação e Cultura, que controla o setor de arte, e o ministro da Agricultura, que controla o setor do estômago, através da SUNAB, resolveram submeter os exploradores do lazer a um regime de colaboração compulsória.

Como se sabe, não haverá mais cobrança de taxa extra, nos restaurantes, boates e bares, senão quando apresentados números de música e de canto ao vivo (passarinho não vale).

Costuma-se chamar a essa taxa de "couvert", erradamente: "couvert" representa a cobertura da mesa, como guardanapo, pão, manteiga, etc, tudo aquilo que não faz parte da refeição propriamente dita.

Passamos, porém, a chamar de "couvert" o pagamento muitas vezes da simples música ambiente irradiada por aparelhos que repetem diariamente a mesma coisa, sem qualquer despesa para o proprietário do estabelecimento.

Aqui em Brasília, há restaurantes que cobram trinta cruzeiros de "couvert", quantia com a qual pode-se almoçar ou jantar em qualquer casa popular do gênero, deixando folga para uma bebidinha modesta.

No caso da obrigatoriedade de apresentações ao vivo em boates e restaurantes, músicos e cantores consideraram um passo decisivo e definitivo para retirar a classe da situação de penúria em que muitos deles sobrevivem.

Foi por isso que compareceram a Brasília não apenas os líderes da música popular brasileira, como certos expoentes da chamada erudita, como Cláudio Santoro e Marlos Nobre.

O gabinete do ministro Ney Braga viu-se, assim, popularizado com a presença de Grande Otelo, Herivelto Martins, Dóris Monteiro, Peri Ribeiro, Sônia Santos, Carlos Galhardo, entre outros. Essa gente não passa fome porque tem como se defender, seja nos direitos autorais, seja na vendagem de discos, seja na sua participação em

programas de televisão: vieram aqui lutar pelos seus colegas que não dispõem dessas oportunidades, gesto capaz de, por si só, valorizar as suas presenças.

E quanto a Cláudio Santoro e Marlos Nobre, que pertencem a uma faixa superior, também eles entendem que a nova medida pode representar uma abertura para os músicos de câmara.

Diz, por exemplo, o maestro Marlos Nobre, conhecido pela sua atuação em programas da Rádio MEC, pelas suas composições e pela sua luta no sentido de interiorizar o gosto pelo exercício musical:

— Algumas casas de espetáculo mais sofisticadas necessitam de músicos eruditos para apresentações diárias. Podemos citar como exemplo o "Quinteto Villa Lobos", que faz grande sucesso na noite paulista. Uma apresentação de Artur Moreira Lima, executando Ernesto Nazareth, será sucesso absoluto em qualquer restaurante de categoria ou mesmo em bares frequentados por gente de bom gosto.

Quanto à cantora Sônia Santos, ela declara que a medida é da maior relevância porque cria um embasamento legal para proteger o artista mas, precisa:

— Somente acredito na eficácia dessa lei se a profissão do artista for regulamentada.

O outro lado da jornada lírica e sentimental de ontem foi a presença do poeta Vinicius de Moraes, para o lançamento, aqui, de seus quinze sonetos ilustrados pelo magnífico Carlos Leão, intitulado "Breve Momento".

Nem tão breve assim: mil e oitocentos cruzeiros o exemplar, muito forte para as minhas antenas.

— Este ano — diz o poeta — foi pra mim um ano musical. Fiz uma temporada muito importante em Punta del Este, ao lado de Maria Creuza, estive na Europa, apresentando-nos, eu e Toquinho na Itália, fizemos duas semanas no Olympia de Paris e ainda fiz um "show" em Santos que reuniu mais de quatro mil pessoas.

E no que se refere aos seus planos para o futuro, concluiu:

— Em setembro, estrei um "show" no Canecão, ao lado de Tom Jobim e Miucha, e edito o meu último livro: "Roteiro Lírico e Sentimental da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde nasceu, vive em trânsito e morre de amor o poeta Vinicius de Moraes".

E mais não disse.

Maria Creuza à meia-noite



Dois shows em São Paulo e depois o exterior.

A cantora Maria Creuza estará se apresentando hoje e amanhã, à meia-noite, no Teatro Célia Helena, cantando as músicas de seu último LP "MeiaNoite", algumas de Chico Buarque ("Olhos nos Olhos" e "Basta um Dia"), boleros de Vinícius ("Onde Anda Você"), João Bosco, Aldyr Blanc, etc. O ator Raul Cortez apresentará este show, "numa tentativa de união de músicos e atores", segundo Célia Helena. Na semana seguinte, nos dias 19 e 20, também à meia-noite, Carlos Lyra apresentará o show "E no entanto é preciso cantar". Para os dois espetáculos o preço será o mesmo: Cr\$ 80,00 e Cr\$ 60,00.

Com estas duas apresentações, o Teatro Célia Helena inicia suas "Noites Especiais" como uma nova opção de lazer e um novo campo para

o compositor e intérprete da música nacional. Célia pretende desenvolver esta atividade semanalmente, estendendo-a também para as segundas e terças-feiras.

Nos poucos minutos em que Maria Creuza esteve em contato com os repórteres que compareceram à sua entrevista coletiva — ela chegou com mais de uma hora de atraso no teatro — teve tempo suficiente para explicar que a sua apresentação "não é um show, mas um recital cercado de cuidados especiais". Quando ela chegou, os poucos repórteres presentes à entrevista já tinham recebido as informações principais da atriz Célia Helena que, um tanto sem jeito com a demora da cantora e a ausência completa de qualquer membro da sua gravadora — RCA — resolveu

distribuir o material de que dispunha — meia página de texto mimeografado. Os discos ainda não tinham chegado e acabaram não chegando definitivamente.

A RCA, "que dá toda a cobertura para o cantor quando ele está no exterior", costuma apresentar falhas graves na assessoria ao artista aqui dentro. A cantora até já está preparando o "Meia-Noite", em espanhol para ser lançado em toda a América Latina. Terminadas as duas apresentações no Célia Helena, Maria Creuza sai com o seu show para o Chile e a Venezuela.

Aliás, são dois os discos novos de Maria Creuza na praça. Além deste, o LP "Pastores da Noite", trilha sonora do filme que tem o mesmo nome, baseado no livro de Jorge Amado.



Wilson Batista, um tipo inesquecível

Wilson Batista, compositor conhecido pela polêmica travada com Noel Rosa, que resultou em vários sambas, é o tema de Brasil Especial n.º 21 que a televisão Globo apresenta hoje, às 21 horas. O programa procura mostrar o dia-a-dia do compositor dono de mais de 400 músicas, boêmio por vocação, malandro por convicção, que censurado pelo Estado Novo achou uma forma de se aproximar de Getúlio Vargas e cantar-lhe Pedreiro Waldemar. Dias depois, o bilhete do Presidente liberou a canção.

Mais tarde, o Estado Novo "encomendou-lhe" Bonde de São Januário, uma apologia do trabalho feita por alguém que defendia a malandragem como forma de vida. Estes são alguns dos fatos que serão mostrados, pelos companheiros que viveram com ele os áureos dias da boemia da Lapa. A direção é de Fernando Faro. Junto com depoimentos de Paulinho da Viola, admirador do trabalho de Wilson Batista, Vinicius de Moraes, que trabalhou uma época com ele, estarão nomes como Mello de Moraes, delegado responsável pelo policiamento da antiga zoan boemia da Lapa, que muitas vezes prendeu Wilson nas rodas de samba.

Outros nomes, como Jorge Goulart, Sérgio Cabral, Aray de Almeida, falarão da figura humana fascinante de Wilson Batista, que gastava todo o dinheiro conseguido (às vezes até vendendo algumas músicas) com os amigos ou em viagens pelo mundo. Assim ele conheceu Europa e América do Sul. Na Espanha, compôs Dolores Sierra e com Vinicius de Moraes iniciou a preparação de um samba que contava seu encanto por Paris. O programa, que além de pesquisar livros e jornais, ouviu parentes e amigos do compositor, apresentará ainda uma série de músicas suas, cantadas por Paulinho da Viola, Aracy de Almeida, Martinho da Vila, Jorge Veiga, Gal Costa, Moreira da Silva e outros.

BREQUE

Festival de Choros

de Ernesto Nazareth a Waldir Azevedo

TICO TICO NO FUBÁ • MIOSOTIS • DELICADO
BRASILEIRINHO • FLOR AMOROSA • CHORÃO
UM CHORINHO NA URCA • PULANDO O MURO
FLAMENGO • MURMURANDO • LAMBISCANDO
• CHORANDO PRA PIXINGUINHA

Festival de Choros: recuse as imitações. Só o Rugendas da capa pode merecer uma citação

- ⊛ A Som Livre está lançando elepê com «os melhores momentos da temporada no Brasil — Genesis in Concert». Cada um tem o supérfluo que merece.
- ⊛ O suplemento deste mês da Continental traz um disco do pianista Artur Moreira Lima gravado na União Soviética em 1972 com músicas de Liszt e, naturalmente, Chopin, Villa-Lobos e Prokofieff. Afinal, Artur, que está para se apresentar no Seis e Meia, é chopiniano, brasileiro e estava tocando na Rússia. O repertório, portanto, agradava a gregos e troianos. Como Artur é craque, o disco é altamente recomendável. Tanto pelo virtuosismo do executante como pelo seu temperamento, insólito nos limites da música clássica, ainda surpresa com suas apresentações de roupa esporte e seu carinho especial pelo chorão e pianero Ernesto Nazareth. Morando na Europa, Artur é capaz de ficar horas em ondas curtas só para acompanhar o futebol brasileiro e, como já foi publicado, o programa de rádio que mais gosta: o de Adelson Alves.
- ⊛ Na inflação de choro que invade a praça nem tudo é maravilha e até as gravadoras com um acervo pequeno no gênero tentam se aproveitar da virada da maré. O elepê Festival de Choros, da RGE/Fermata, está neste caso com suas derramadas faixas que vão desde uma gravação muito mal feita com a Banda da Polícia Militar do Estado do Paraná até cordas inesperadas em intervenções de Simonetti e Osvaldo Sbarro para músicas de Zequinha de Abreu e Valdir Azevedo. Salva-se o esforço de Elio do Bandolim (em Miosótis, de Nazareth; Murmurando, de Fon-Fon e Mário Rossi; Flor Amorosa, de Anacleto Medeiros, com um erro na contracapa que dá a música como sendo de Catulo da Paixão Cearense, que é apenas o autor dos versos, colocados anos depois; Chorando Pra Pixinguinha, de Toquinho e Vinícius, com um andamento menos ousado que na interpretação de Valdir Azevedo; e, Lambiscando, do próprio Elio) e uma rara gravação de Pedroca (piston) para o clássico Flamengo, de Bonfiglio de Oliveira.
- ⊛ Fafá de Belém faz show hoje em São José dos Campos. Amanhã, está em Valinhos. Depois, em Piracicaba. Dia 17, em Presidente Prudente. Deve ser regime para emagrecer.
- ⊛ Martinho da Vila viaja no dia 20 para Moçambique. Vai participar da Feira Internacional, com Papão (bateria), Manuel do Cavaco, Jorge (baixo) e Paulo Moura (saxes e clarinete). O disco que está preparando na RCA será interrompido por causa da viagem, mas continua prevista a sua conclusão até o dia 15 de setembro (Martinho retorna dia 6). É importante o cumprimento do prazo porque a RCA vai liberar o estúdio para a gravação do novo disco de João Bosco. Das novas parcerias com Aldir Blanc, já ouvi quatro: **belíssimas**.

Roberto Moura

ULTIMA HORA

12 / 8 / 1977

Vinicius de Moraes



● Tom Jobim, com Miúcha e Toquinho, três das maiores expressões musicais brasileiras é porque não dizer internacional, reuniram-se num almoço no Castelo da Lagoa. Almoço que se estendeu até altas horas da noite. O assunto era o Canecão, onde, quando setembro chegar, deverão estreiar um sensacional show, que contará com a presença do não menos famoso Vinicius de Moraes.

TV-Globo apresenta Wilson Batista hoje

A TV-Globo apresenta hoje às nove horas da noite, em seu Sexta-Super, o Brasil Especial dedicado a Wilson Batista, sambista que morreu no dia 8 de julho de 1968 no Hospital Souza Aguiar, praticamente como indigente. O compositor chegou a ter mais de 40 músicas gravadas e é tido como o maior sambista que o Brasil já teve, no dizer de Paulinho da Viola.

Nascido em Campo, a 13 de julho de 1915, Wilson Batista veio para o Rio de Janeiro aos 14 anos, quando já compunha suas músicas para a Banda Corbelle de Flores, de sua cidade. Dois anos depois de ter chegado ao Rio, fez "Estrada da Vida", gravado por Luís Barbosa, sem dúvida, o início de sua gloriosa carreira de sambista.

Frequentador diário da velha Lapa que não existe mais, Wilson Batista nunca teve qualquer ocupação ou emprego: sempre viveu dos sambas que fazia, embora, no fim



Viajar era um dos prazeres de Wilson Batista

da vida, se queixasse do esquecimento em que o haviam deixado. Aquela altura, seus direitos autorais só lhe davam 350 cruzeiros por mês, dinheiro insuficiente para manter a mulher Irene Batista e os três filhos.

Durante o Governo de Getúlio Vargas, quando compôs "Pedreiro Waldemar" (mar-cha que falava de um pedrei-

ro que fazia casas, mas não tinha casa para morar), Wilson Batista, preocupado com a ação da censura, procurou um meio de se aproximar do presidente, no Palácio Guanabara, para quem cantou a marcha. Vargas gostou e mandou um bilhete ao chefe da censura, a quem pediu imediata liberação de composição.

UM POETA

O programa de hoje terá depoimentos de Paulinho da Viola, Mello Moraes (que chegou a prender o sambista, na Lapa, quando era delegado de polícia), Bucí Moreira, Capitão Zé do Lixo, Moreira da Silva, Antônio Almeida, Roberto Martins, Zizinho, Erasmo Silva, Jorge Goulart, Roberto Luna, Jorge de Castro Araci de Almeida, Sérgio Cabral, dona Irene Batista, Nóbrega Macedo, Vinicius de Moraes, Mauel Cartaz, Marina Batista, Marilza Batista, Ruth Macedo e Elcio Soares.

Homem de pouca cultura oficial, Wilson Batista deixou um samba, de parceria com Sílvio Caldas, que tem versos que qualquer grande poeta brasileiro assinaria com sofreguidão. São estes: "Nos olhos das mulheres, / No espelho do meu quarto, / E que eu vejo a minha idade. / Um retrato na sala / Faz lembrar com saudade / A minha mocidade. / A vida para mim, / Tem sido tão ruim, / Só de-sengano, / Ah! eu daria tudo / Para poder voltar / Aos meus vinte anos".

No especial de logo mais, serão apresentadas 34 composições de Wilson Batista, com os seguintes intérpretes: Paulinho da Viola, Jorge Veiga, Roberto Paiva, João Nogueira, Moreira da Silva, Roberto Silva, Paulo Marquês, Macalé, Jorge Goulart, Martinho da Vila, Eston Medeiros, Gal Costa, Caubi Peixoto, Bucí Moreira, Araci de Almeida, Toquinho, Clementina de Jesus, Erasmo Silva e Sílvio Caldas, além do coro da Rede Globo

ILUSÃO

121 8 177

Vinicius de Moraes



Vinicius de Moraes

SEXTA-FEIRA COM VINICIUS DE MORAES

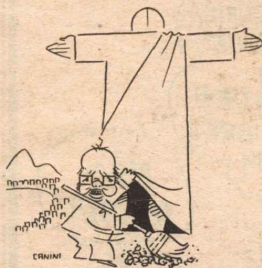
A vida e obra do poeta e compositor Vinicius de Moraes — um dos principais responsáveis pelo movimento da Bossa Nova — é o tema do programa *Brasil Especial*, que a Rede Globo vai levar ao ar no dia 9 de setembro, às 21 horas. Vinicius vai cantar e falar das canções que fez ao lado de parceiros famosos como Tom Jobim, Toquinho, Carlos Lira e Baden Powell, entre outros. Um bom programa que você não deve perder.



O PASQUIM

12 / 8 / 77

BASTA



I

O dia 2 de agosto de 1977, entrou para a história do Rio e do Brasil como um marco no combate a especulação imobiliária e na defesa da ecologia. É que um grupo de 22 pessoas, entre jornalistas, escritores, cineastas, um Vereador e um professor, deu entrada, na Corregedoria das Varas Federais do Rio, a uma ação popular para embargar a construção de dois espigões — o “Palazzo del Parco” e o “Palazzo Pitti” — da Construtora Coema, ao lado do Parque Lage, uma área tombada pela Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico desde 1965. A licença, autorizada pelo prefeito MARCOS TAMOIO, é ilegal, apesar das afirmações em contrário da assessoria de comunicação social da prefeitura. Tanto o Conselho Estadual de Cultura, como a Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do município já se manifestaram contra a construção que implicará no rebaixamento do lençol d'água do local colocando em risco a vegetação do Parque. O Conselho Estadual de Cultura, por unanimidade, deu apoio ao

professor Gilberto de Freitas (um dos participantes da ação popular), o qual garante que embora artificial, a população vegetal do Parque Lage é tão antiga que já entrou em equilíbrio, formando um microecosistema que se liga com a área da Floresta da Tijuca.

Qualquer cidadão que esteja no exercício dos direitos políticos poderá participar da ação popular. Uma das características deste instrumento jurídico é permitir que os interessados participem em qualquer momento até antes da sentença, ingressando na Justiça como “litisconsortis”, isto é, pessoas que têm interesses idênticos aos impetrantes, o que em consequência os torna também integrantes da ação popular. Em outras palavras: quem estiver disposto a defender uma das poucas áreas verdes que ainda resta no Rio, dirija-se ao escritório do advogado Jacintho Sávêdra (o advogado que impetrou a ação), na avenida Rio Branco, 277 gr. 1601. Leve uma cópia do título de eleitor.

Além do professor Gilberto Freitas participam da ação popular, entre outros, o Vereador José Frejat, o compositor e escritor Vinieus de Moraes, os cineasta Alex Viany e Orlando Senna, o ator Mário Lago, o escritor João Antonio, os jornalistas Alberto Dines, Carlos Eduardo Novaes, Sérgio Cabral, Mário Augusto Jakobskind, Luciane Louzeiro, Henrique Lago, Tamar de Castro e Reinaldo Cabral. Entraram como “litisconsortis” os artistas plásticos Carlos Scliar e Glauco Rodrigues e o Deputado Estadual Edson Khair. O arquiteto Marcos de Vasconcellos já avisou que tão logo retorne de Belo Horizonte vai participar da ação popular.

II

A cidades brasileiras estão em decadência, vítimas da especulação imobiliária. A qualidade de vida está cada vez mais ruim. Alguns pensam na tal casa de campo, mas só dá para uma minoria. Há um único jeito: fazer algo. Não dá mais para assistir impassível à destruição do pouco que ainda resta. Exemplo mais recente de uma tentativa que deu certo foi a vitória que se conseguiu com a área de 26 mil metros quadrados do Forte de Copacabana. Dezenas de milhares de pessoas assinaram listas, em toda a cidade, solicitando a transformação da área em parque público. Deu certo, apesar das afirmações de MARCOS TAMOIO (de que a prefeitura tinha desistido de adquirir o terreno do Forte. No fundo ele e os seus amigos imobiliários estavam de olho na transa. Acabaram desistindo e o prefeito teve que se curvar. O que interessa mesmo é que **ganhamos uma área de lazer**. A lição ficou. Daqui pra frente é importante a participação dos pagadores de impostos na defesa das cidades brasileiras. Chegou a hora de se fazer alguma coisa pelos subúrbios de todo o país.) A luta depende de você. Só você vai defender o seu bairro, a sua praça, a sua cidade. Ligue-se a uma associação de bairro, se integre na comunidade, questione o seu síndico. **Faça o que estiver ao seu alcance, mas faça.** Afinal, você paga impostos e precisa defender os seus direitos.

A hora é essa. Se ficarmos parados diante da devastação dos sérgios dourados da vida, com que caras vamos ficar quando no século que vem aí nos perguntarem: mas vocês deixaram? — (Mário Augusto Jakobskind)

Vinieus

PASQUIM TIOUVE

BILL EVANS & EDDIE GOMEZ - Montreux III, (Fantasy/RCA)

A RCA poderia lançar muita coisa boa da Fantasy e não lança. Bill Evans é um grande pianista, talvez bom demais para o meu gosto. Esta é uma gravação ao vivo, feita em 1975, no Festival de Montreux, que todo mundo sabe é um dos maiores acontecimentos da cena jazzística. Evans e Gomez tocam «Minha», de Francis Hime e Ruy Guerra. Aquela coisa limpa demais, competente mas insípida. - (Roberto Moura)

MIUCHA & TOM JOBIM (RCA)

Aloysio, Tom, Miúcha e Chico: um trabalho limpo. Difícil de tirar do pick-up. O disco vai tocando, acabando, virando, tocando de novo. Claro que "Na Batucada da Vida" (Ary Barroso e Luiz Peixoto) tem uma regravação admirável de Elis Regina e isso implicava num risco grande. Tom e Miúcha fizeram o deles. "Maninha" é uma delícia e a interpretação de "Samba do Avião" (Tom) é séria, não é aquela bobagem que o Gil não precisava ter colocado no "Refavela". Chico, participação especial, quando entra, entra perfeito. "Saia do Meu Caminho" deve ter sido idéia do Tom. Não há pianista neste país que não seja paradó em Custódio Mesquita (os versos são de Evaldo Ruy). "Pela Luz dos Olhos Teus" integra uma pequena constelação de músicas que são de Vinícius de Moraes, letra e melodia. Vinícius, aliás, quando compõe sozinho, é inspiradíssimo. Tanto quanto bissexto. - (Roberto Moura)

FESTIVAL DE CATAGUASES - Cen- tenário da Cidade

A cidade de Rosário Fusco e onde se desenvolveu o talento de Humberto Mauro está completando 100 anos e o vereador Ércio Pinto Souza enviou solicitação ao prefeito no sentido de reviver aquele que foi o maior festival de música popular já ocorrido no Brasil (não em termos de possibilidades econômicas ou de divulgação, mas pela diversificação de tendências que apresentou e que, até hoje, representam o que há de mais ousado no painel da música popular brasileira). Tomara que efetivamente o Festival venha a fazer parte das comemorações. - (Roberto Moura)

ABEL FERREIRA - Cinquentenário (ABI)

Nesta sexta-feira, dia 12, será comemorado na ABI o cinquentenário musical do maior clarinetista em atividade no Brasil. Vai ser uma festa com participação de alguns dos grandes músicos deste país e quem não puder ir, fica na obrigação de, pelo menos em casa, ficar ouvindo coisas como "Chorando Baixinho", "Sai da Frente" e "Haroldo no Choro". Aliás, quem não tem ainda o elepê "Brasil, Sax e Clarineta" está dispensado de continuar a ler a coluna. - (Roberto Moura)

YVONNE LARA, JOÃO DE AQUINO & PITANGA (MAM)

Sexta-feira, sábado e domingo. Indo sexta no Abel, sobram dois dias para tomar contato com três dos mais injustiçados artistas da praça: a Yvonne de "Acreditar" e "Cinco Bailes da História do Rio", o João de Aquino de "Viagem" e "Sagarana" e o Pitanga, clarinetista de rara competência e estilo próprio (os incrédulos podem procurar o elepê Tropicana "Confusão no Choro"). Os empresários da MPB poderiam perfeitamente transar um show desse nível para promoções do tipo "Projeto Pixinguinha", "Seis e Meia", "Sete em Ponto", "Nove e Meia" e outros horários. - (Roberto Moura)



Alik Kostakis

GROSSERIA

Apresentação de Minz

● A fantástica coleção de discos do folclore russo da família Nikolaeff permitiu aos frequentadores do Ta Matete, outra noite, uma raríssima apresentação do mestre coreógrafo do American Ballet Theatre, ora no Brasil, Alexandre Minz.

● O grande bailarino, que foi professor Nureyev, ficou encantado com a coleção de discos que lhe mostrou Ira Nikolaeff, confessando que muitas das peças nem mesmo ele possuía, embora viva no maior mercado de discos do mundo, que é a América.

● A seguir, convidou-a para partner numa das danças folclóricas, convite aceito prontamente. O Ta Matete parou e os dois tiveram que repetir a exibição por seis vezes.

● Enfim, foi uma noite em que essa discoteca paulista teve o seu momento de Metropolitan Opera House.

● Mira Fonseca, a balana que é a estrela número de "Pastores da Noite", um filme de Marcel Camus que está nos cinemas do Brasil, está encantada com os momentos de glória que está vivendo, já que a versão francesa do filme, que levou o título de "Otalia da Bahia", projetou seu nome internacionalmente.

● Quanto à divulgação de sua imagem no Brasil, tem algumas críticas: as suas fotos, recentemente

publicadas na edição brasileira da revista Lui, na sua opinião, estão todas mal impressas e são resultado da escolha das piores que ela fez especialmente para a edição francesa.

● Uma opinião que não deve ser levada em conta, porque Mira Fonseca entende muito de rebolado e nenhum pouco dos problemas do jornalismo brasileiro. Além de revelar uma certa grosseria imperdoável.

Apostando no nascimento

● Assim como costumam fazer nos hipódromos de Londres, os ingleses já iniciaram suas apostas objetivando acertar o sexo do primeiro filho da princesa Anne, que deverá nascer em novembro próximo, embora algumas casas especializadas, polidamente, se recusassem a receber apostas — a maioria de grande valor — por considerarem um ato ofensivo à Família Real. Alegam que um nascimento não é um acontecimento esportivo.

● A maioria das apostas são fa-

voráveis ao sexo masculino, correspondendo assim ao desejo da Princesa e apontam como possíveis nomes George, Edward ou Albert. Os que apostam que nascerá uma menina, indicam os nomes de Elizabeth, Mary ou Victoria.

● Segundo cálculos, o filho (a) de Anne e Mark deverá nascer no dia 14 de novembro, curiosamente, na mesma data em que o casal estará completando o quarto aniversário de casamento. Será, portanto, do signo de Escorpião e os astrólogos ingleses admitem que seu gênio não será fácil.

Samba e foot-ball

● O Centro Campestre do Sesc, neste fim de semana, terá duas atrações: uma é o I Encontro de Escolas de Samba do 1.º Grupo de São Paulo, que farão evoluções para os incontáveis frequentadores da mais luxuosa centro de lazer de São Paulo.

● Ao mesmo tempo, terá início a disputa do troféu "Papa Jr.", entre os temas de foot-ball da Sociedade Harmonia de Tênis, Esporte Clube Sirio, Sesc, Center Fabril, Hippopotamus e Papagaio Disco Club.

● Ricardo Amaral que, sábado passado, ofereceu a taça do Torneio Início (e levou para a casa porque, coincidentemente, o team de Hippopotamus venceu) acha uma covardia o que Dinho Abud, do Center Fabril está fazendo: entre seus players está o ex-campeão do mundo, Bellini.

● O encerramento desse torneio será no próximo dia 29, com a devida churras-cada, seguindo-se, às horas da noite, uma esticada no Papagaio, onde se encerrará a confraternização dos teams.

Despedidas em Londres

● Um dos mais simpáticos brasileiros em Londres, o cônsul adjunto Fernando Garcia, oferece hoje, na sede da Embaixada, um coquetel para se despedir dos amigos. Dentro de pouco tempo ele assume posto numa das capitais mais importantes da *carrière* Buenos Aires.

● Outro coquetel, também na Embaixada brasileira em Londres, está marcado para o dia 23. São as despedidas do adido naval, comandante Maurício Bittencourt, de volta à Brasília.



Planos do poeta

● Vinicius de Moraes (que nesta foto do JB, aparece ao lado de sua jovem mulher, Martita), deverá estrear, artisticamente, seu new look, uma barba bem grisalha, a Hemingway, em setembro próximo, quando fará, no Canecão, um show ao lado de Tom Jobim e Miúcha Buarque de Holanda.

● Ao mesmo tempo, deverá lançar seu último livro, de parto demoradíssimo: Roteiro Lírico e Sentimental da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Onde

Nasceu, Vive em Trânsito e Morre de Amor o Poeta Vinicius de Moraes. (Não é de bom tom, acrescentar-se a exclamação Ufa! ao final da leitura do título do livro).

● Ainda por cima, lançará um álbum duplo, gravado para a Phonogram, só com poemas, acompanhados de anotações musicais de Edu Lobo, Francis Hime, Toquinho, Roberto Menescal e Tom Jobim.

ACONTECE

• O boom do jazz nos Estados Unidos, documentado em sete páginas da edição de 8 de agosto da revista *Newsweek*, não tem chegado ao Brasil de forma organizada. Com perto de uma centena de LPs despejados neste mercado filial, desde o início do ano, o jazz continua a custar caro a seus apreciadores (garantia de *status*?) e exigindo boas ginásticas para se saber da proximidade de suas atrações. Será necessário ler o número de 30 de julho do jornal inglês *Melody Maker*, por exemplo, para saber que a partir de 14 de agosto, Rio e São Paulo serão palcos de um verdadeiro pacote (a expressão foi usada pelos ingleses) jazzístico. Senão, leiam: trazidos por Jack Keinsinger, produtor da série *Highlights in Jazz*, devem desembarcar amanhã a cantora de blues Helen Humes (ex-crooner da orquestra de Count Basie), o pianista Ray (Raphael), Bryant, natural da Philadelphia, o baixista Major (Quince) Holley (Jr.), nascido em Detroit e com longa folha de serviços prestados aos ilustres Charlie Parker, Woody Herman, Quincy Jones e Duke Ellington, e mais o quinteto comandado por Philip Wells Woods e o sax-alto Phil Woods, formado nas bandas de Dizzy Gillespie e Benny Goodman. Portanto, papa fina, creme do creme. Resta saber se chegarão ao Brasil de Concorde ou disco voador.

• Com a TV-Guanabara, filial da Bandeirantes de São Paulo (esperemos que não somente estação repetidora), funcionando desde 1.º de agosto com sua programação experimental, deverá aumentar a oferta de musicais no vídeo carioca. A própria Guanabara já promete a inserção de alguns de seus Concertos de Rock (os maiores ídolos do rock e a história do movimento, além de sua relação com o Brasil) e trailers de futuros musicais até 9 de setembro, inauguração oficial, quando irá ao ar o faladíssimo especial com Chico Buarque. As inscrições para o Brasileirinho, 1 Festival de Choro da emissora encerram-se dia 20, na sede da TV-Bandeirantes, em São Paulo.

• Por sua vez, a Globo continua restrita a breves pinceladas sonoras em seu *Fantástico* dominical (no próximo vale a pena ver Simone cantando a belíssima *Jura Secreta*, de Sueli Costa e Abel Silva); especiais sobre vultos do MPB, o paramentado e balofo *Levanta Poeira* e os habituais *Rock Concerts*, dos sábados (hoje, apresentando o grupo Deep Purple). Vez por outra um enlatado insigne, como o da próxima quarta-feira, com *Frank Sinatra e seus Amigos*. Neste, *The Voice* recebe seu cantor favorito (depois dele mesmo, é claro), Tony Bennett. E toma a bênção da *country music*, em ascensão nas paradas, convidando John Denver e Loretta Lynn, superastros do pedaço.

• O novo álbum duplo dos Rolling Stones, gravado entre Paris e Toronto em '76, vai para as lojas inglesas no próximo dia 2 de setembro. Logo estará no Brasil, exibindo sua orgulhosa capa desenhada pelo irrequieto Andy Warhol (o mesmo de Sticky Fingers). Como novidade, para os que não acompanham as exaustivas adesões de músicos à miliar-dária banda, há Ronnie Wood na guitarra, Billy Preston nos teclados, Ian Stewart no piano e Ollie Brown na percussão. Os Stones fizeram um resumo de seus 15 anos de estrada através do repertório, o que, sem dúvida, robustece os boatos do fim do grupo. Das 19 faixas, apenas Mannish Boy, de Muddy Waters, e Cracking Up, de Bo Diddley, não tinham sido gravadas pelos Stones anteriormente. O disco será distribuído pela RCA Internacional.

• Contrariando sua regulamentar timidez empresarial, a RGE paulista esbalda-se na comemoração de seus 20 anos de carreira, colocando fartos anúncios do principal de seus lançamentos comemorativos, um álbum duplo da cantora Maysa. A gravadora anuncia no mesmo suplemento um LP reunindo momentos musicômicos: *Prá Morrer de Rir*, com faixas de Alvarenga e Ranchinho, Ary Toledo, a dupla Ouro e Prata, Sônia Mamede e Evaldo Gouveia e por aí afora.

• "As pessoas condicionaram minha imagem ao baiano sempre alegre, descontraído, desligado, mas essas mesmas pessoas me trouxeram à realidade, germinadas pela minha alegria e poesia. Elas me revelaram verdades que me espantaram e conscientizaram de coisas que me mudaram muito". (Chocolate, do Mercado Modelo, no lançamento de seu primeiro LP, pela Som Livre).

• Assinaram sábado passado com o Canecão, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Miucha e Toquinho. O superespetáculo será escrito por Chico Buarque e dirigido por Fauzi Arap. Deverá estrear em setembro, quando terminará o mandato tampão do atual show *Nove e Meia* (o desta semana reúne um bom time: Jackson do Pandeiro, Herivelto Martins, Pery Ribeiro, Trio de Ouro, Elsa Soares e Leni Andrade). A propósito, está cada vez mais vibrante a integração das crianças da platéia com as do coro do palco, nos *Saltimbancos*, espetáculo infantil que tem enchido o Canecão de copos de guaraná e coca-cola. No palco, Miucha (a Galinha) revela-se atriz insuspeitada, enquanto por sua vez Marieta (Gata) destaca-se como surpreendente cantora.



• A Odeon está lançando com fabulosa parafernália o disco da reentré do lendário conjunto inglês *The Kinks*, *Sleepwalker*. Palmas à gravadora e vaías ao conjunto que, musicalmente, não justifica semelhante euforia. Mais discreto o lançamento da cantora sul-africana *Letta Mbulu*, (foto) *There's Music In The Air*, no mesmo suplemento, e no entanto, muito mais substancioso. *Letta* pende para um soul mais sutil, ao estilo de *Al Green*, temperado por uma sólida percussão mbulwana. (*Letta* é também uma das arranjadoras do disco).

• Grande atividade nos estúdios de gravação da Continental. Preparam seus discos o estreadante (como cantor) Mário Lago, a cantora paulista Célia, produzida por Fernando Faro, e Ney Matogrosso, após vitoriosa temporada em São Paulo.

• Os que tanto ouvem falar em Pelão, o célebre produtor de discos (*Cartola*, *Nelson Cavaquinho*, *Carlos Cachaca*, *Adoniram Barbosa*, *Carlinhos Vergueiro*) poderão, enfim, ouvi-lo falar, com sua voz arrastada de sambista velho, no programa *Ensaio Geral*, todas as quintas-feiras, das 11 ao meio-dia, na Rádio Carioca. Ele e *Franco Paulino*, falando de música brasileira.

• "Hoje eu tenho preguiça de ir pro estádio ver meu time jogar/ são 90 minutos de toque pros lados/ e a gente torcendo pro jogo acabar/ o jogador entra em campo/ leva logo um cartão porque deu pontapé/ aí que saudade que eu sinto/ do futebol de Pelé/ Garrincha, Didi, Tostão ou Gerson, com a pelota no pé" (*Desabafo de Um Torcedor*, de Majó/Frank Gau, com Majó, a segunda crítica contundente ao atual marasmo do futebol brasileiro. A primeira foi a *Camisa 10*, de Luís Américo).

13/8/77

Música

Depois de Fafá, é a vez de Edu Lobo hoje no Municipal

Depois do sucesso de público e crítica do *show* de Fafá de Belém, no Teatro Leopoldo Fróis, a Fundação Atividades Culturais de Niterói traz à cidade o intérprete e compositor Edu Lobo, uma das maiores expressões da música popular brasileira, que se apresentará no Teatro Municipal, hoje e amanhã, às 21 horas. Os ingressos custarão Cr\$ 40, no domingo, e Cr\$ 50 hoje.

Depois de sete semanas de atividades musicais nos fins-de-semana, 9.197 pessoas já compareceram aos *shows* promovidos pela FAC. A maior presença de público se deu nas apresentações de Fafá de Belém, na semana passada, quando 2.337 pessoas estiveram presentes; o índice de comparecimento tem aumentado progressivamente, dando um salto significativo quando dos espetáculos de Ivan Lins, que receberam 2.025 espectadores, contra 1.227 no que o antecedeu, no Quarteto em Cy.

Edu Lobo, após um recesso nas apresentações ao vivo, vem retornando gradativamente aos

palcos, depois do grande sucesso alcançado na série "Seis e Meia", no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, ao lado de Marília Medalha. Com o passado de "Arena canta Zumbi", das parcerias com Vinícios de Moraes, dos sucessos nos festivais da MPB — "Arrastão" e "Ponteio" — Edu Lobo apresenta agora uma música adulta, em um estilo completamente brasileiro, fazendo, também, trabalhos conjuntos com um dos grandes nomes do teatro brasileiro, Gianfrancesco Guarnieri.

Quando do sucesso da peça "Arena canta Zumbi", para a qual compôs a trilha sonora, e os sucessos das parcerias iniciais com Vinícios de Moraes, o compositor carioca gravou seu primeiro LP, "A música de Edu Lobo por Edu Lobo". Em seguida, participou de *shows* na boate Zum-Zum, iniciando trabalhos junto à TV-Record, em São Paulo. Conviveu então, musicalmente, com o Tamba Trio, principalmente Luiz Eça, e a partir daí começou a desenvolver uma nova concepção de música, procurando aprofundar-se nos arranjos e na harmonia, nos estudos mais amplos da composição.

Em 1966, gravou seu segundo disco, com Maria Betânia, tendo parceiros como Torquato Neto e Capinan. Viajou, então, com Silvinha Telles e outros músicos para a Europa, onde permaneceu por um período. De volta, iniciou um trabalho constante com o Quarteto Novo, percorrendo o País. Em 1968, compôs outra trilha sonora para uma peça de Guarnieri, desta vez "Marta Saré". Ao final desse mesmo ano, esteve com Elis Regina e Chico Buarque de Holanda participando do Midem, um dos mais importantes festivais da Europa.

Ao voltar ao Brasil, em 1969, decidiu abandonar por determinado tempo seus compromissos de apresentações em público, dedicando-se exclusivamente aos estudos de instrumentação e orquestração. Depois de seu casamento, decidiu fixar residência em Los Angeles, EUA, onde estudou regência e gravou três álbuns, fazendo também um curso de música para cinema com Lalo Schiffrin. Após ter feito uma "tourné" pelo Japão, com o Conjunto de Sérgio Mendes, Edu Lobo retorna ao Brasil, onde retoma um contato mais íntimo com o público, nos *shows* ao vivo.

Vini ou

"TODO O CHORO" DE UM POVO QUE NÃO SE ENTREGA

J. R. Tinhorão

HA pouco mais de dois meses, quando começava a tomar corpo a onda do choro — agora, felizmente, em fase de maré montante — Marcus Pereira organizou, a pedido da Federação das Bandeirantes do Brasil, um 1º Encontro Nacional do Choro que reuniu no vasto teatro do Parque Anhembi, em São Paulo, mais de 10 mil pessoas nas noites de 1º e 2 de junho, a maioria das quais jovens entre 15 e 18 anos que ouviam choro ao vivo pela primeira vez.

O resultado desse espetáculo, gravado em condições meio adversas num Akai M-10, pode ser apreciado agora em todo o Brasil — embora parcialmente — através do LP lançado sob o título de *Todo o Choro* pela etiqueta Discos Marcus Pereira.

Como toda gravação de espetáculo ao vivo, a do 1º Encontro Nacional do Choro tem a desvantagem de apresentar-se com uma certa desarrumação e falhas técnicas (o pandeiro de Pernambuco, que faz um solo espetacular em *Urubu Malandro*, só se aproxima do microfone e vem ao primeiro plano após mais de 40 segundos do início da gravação), mas tem também as suas compensações. Uma delas é a documentação do clima de espontaneidade e de criação coletiva (e também de comunicação com o público), que se estabelece quando grandes instrumentistas têm oportunidade de exibir sua arte sem as interferências castrantes dos chamados

Cearense de Fortaleza, 27 anos, baixinha, dentes salientes, cabelos compridos mas não tão negros quando os de Iracema, voz suave e penetrante — assim é Amelinha, batizada Amélia Colares, de quem seu conterrâneo Fagner diz: "Nada tenho a acrescentar à sua voz singular e bela e ao seu bom gosto terrivelmente em dia. Ela é uma luz, uma coisa assim..." Agora Amelinha prepara-se para enfrentar, pela primeira vez, o público carioca, em temporada de uma semana, no Teatro Tereza Rachel, em setembro.

Amelinha cresceu em família musical. A avó tocava piano; a mãe e a tia ganhavam todos os concursos para cantoras da Rádio Iracema. O pai cantava imitando Vicente Celestino. "Lá em casa todos cantavam muito". Rodeada por tanta música, aos três anos Amelinha já entoava canções, bem afinadilha. "Lembro-me do som das irradiadoras (os alto-falantes), foi o que mais ficou dessa época".

— Ouvia-se muito Elizeth Cardoso, Antônio Maria, minha mãe gostava muito. Depois muita Maisa, adorava Risque. Descobri o Luis Gonzaga através de um amigo e aí toda tarde ficávamos ouvindo-o e conversando sobre ele.

Aos 13 anos formou um trio com a irmã e a vizinha. Cantavam o repertório de João Gilberto e o de Altemar Dutra. "Era de brincadeira, a gente só cantava em casa, mas mamãe não incentivava. Queria que os filhos

AMELINHA MAIS UMA VOZ DO CEARÁ NA PAISAGEM

Diana Aragão



Amelinha: "Tinha mais era de cantar"

tivessem curso superior, com diploma e tudo. Hoje ela acha bom que eu cante, mas ainda gostaria de que eu fizesse a Faculdade".

Em 1970 Amelinha fez o vestibular para Arquitetura, mas não passou. "Minha cabeça estava crescendo, tinha alguma coisa me catucando. Mudei o tipo de vida, criei problemas dentro de casa. Minha irmã tinha mudado para São Paulo e eu estava sozinha. Resolvi ir para São Paulo onde passei um ano fazendo curso de Comunicação. O lance da profissionalização veio torto. Eu morava em uma república, os amigos de minha irmã iam pra lá e ela ficava me dando corda pra cantar. Aí apareceu o empresário de um conjunto, cantei quatro vezes com ele e era sempre assim: ah, a irmã da Silvia canta, aí vinha a dor de barriga, mas eu cantava."

Amelinha sobrevivia, em São Paulo graças à mesada enviada pela família e aos shows na PUC ou em outras Faculdades. No final desse ano voltou a Fortaleza; o pai estava doente, e logo morreu. Ela ficou no Ceará e, levada por um amigo, cantou, na TV, Mucuripe, de Fagner. Deu-se então o encontro com o grupo de compositores locais.

— Tinha aquelas transas de sair de noite, sair pra beber. Conheci o trabalho de todos: do Fagner, Belchior, Rodger, Teti, Enardo, Ricardo Bezerra (autor do *Manera Fru Fru* e *Cavalo de Ferro*). Nessa época todo mundo

estava animadíssimo com o trabalho, no ponto pra sair e mostrar. Voltei a São Paulo e eles foram chegando, apenas Fagner veio para o Rio.

Em São Paulo Amelinha não se enturmou com o pessoal do Ceará. O problema do sobreviver falou mais forte; ela não recebia mais mesada. Trabalhou como secretária. A noite, quando os amigos se reuniam para fazer música, o cansaço a impedia de participar. "Até 1974 foi essa luta. Passei então a trabalhar meio-expediente, só ganhava o necessário para sobreviver, mesmo."

— Em 74 resolvi entrar para vencer ou desistir de vez. Até aquele momento participei de gravações eventuais, como na faixa *Ausência*, do LP *Romance do Pavão Misterioso*, de Ednardo, e depois no *Ave Noturna*. Mas a participação no programa *Mambembe*, da Bandeirantes, com o Ednardo, produzido pelo Roberto de Oliveira me deu muita força, fiz mais dois especiais na Bandeirantes e então apareceram convites para shows. Senti que tinha chegado a hora de contar minhas coisas, fazer meu trabalho.

— Fiquei cantando por aí. Não tinha disco, mas estava atuando. Fiz um show de três dias em Fortaleza, com a casa cheia. Em 1976 recebi convite para fazer um show de um mês em Punta del Este, com Vinícius e Toquinho. Foi muito forte em termos

de experiência profissional porque me deu uma certeza incrível do meu trabalho, me deu um pouco, uma certeza de que não era outra coisa, tinha mais era de cantar.

Voltando para São Paulo ela já vinha com a idéia do disco *Flor da Paisagem* a ser produzido por Fagner, que a apresentou à CBS. "Como estava com tudo pronto, repertório e o resto não foi difícil. As pessoas comentam que já comecei com um LP, gravando, mas não sabem que esse disco é assim um começo de processo, o primeiro passo, uma conquista. Esse show que vou fazer no Rio, show maravilha, apesar de não estarmos em tempo disso, vai ser a apresentação não só do disco como da minha pessoa como intérprete."

No *Flor da Paisagem* o único compositor cearense ausente é Belchior, que parece não contar muito com a simpatia da cantora. No mais, é bem um disco onde a presença de Fagner é bastante acentuada, não só como diretor musical, mas como compositor de *Agonia*, *Depende* (em parceria com Abel Silva) e *Santo e Demônio* (junto com Ricardo Bezerra) e ainda fazendo vocal nessas faixas. O LP traz ainda composições de Ednardo, Beto Mello, Petrucio Maia e Brandão, Robertinho do Recife e Fausto Nilo, além de *Cintura Fina*, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas. Para o próximo LP, a sair em janeiro, Amelinha promete suas próprias composições.



**Matéria-prima
para ser sexy
você já tem.**

Ref. 130

**Só falta usar
esta sugestão
da Darling.**

Ref. 910

Seguindo este conselho, você vai ficar igualzinha aquelas mulheres que aparecem no cinema e fazem os homens suspirarem na platéia. Esta sugestão da Darling mantém tudo firminho, não tira nada de sua liberdade, e deixa seu corpo respirar livremente. O segredo de ficar mais sexy é este: você entra com a matéria-prima, a Darling com o complemento.

Darling
rosset lycra®

Inseparáveis como o Gordo e o Magro, eles atuaram em todas as fases do *showbiz* brasileiro. Ganhando e perdendo. Vaiados ou premiados. Mas sempre amigos

O ABC de MIÊLE e BÔSCOLI

por Miêle e Bôscoli.

NUM beco sem saída — o Beco das Garrafas — conheci Miêle e, sem de leve o pressentir, estava conhecendo um irmão. E neste beco sem saída, por asas então bem mais ágeis — de nossas fantasias — encontramos a saída e soldamos um destino. Hoje somos biografias inseparáveis. Como o Gordo é do Magro. Como o Tom é do Jerry. Batalhamos muito no perigoso terreno do *showbiz*. E creio que vencemos de goleada. Mesmo engolindo os frangos de praxe. No auge de nossas carreiras, éramos dois tesos. Porque no Beco, onde cremos haver lançado tanta gente, trabalhamos por amor à arte ou ao álcool. Misturado à coca-cola. Sim, somos mártires do cuba-libre. Nunca, entretanto, fomos tão felizes como naquela época. A razão do nosso sucesso era nossa perfeita justaposição. Minha formação jornalística se encaixava com a formação artística de Miêle. E mergulhados numa mesma esperança investimos em nossos talentos. Um dia Carlos Manga — então diretor da Excelsior — disse: “Quero vocês.” E o pouco que dividíamos foi muito multiplicado. O

primeiro carro, o primeiro porre de uísque, a primeira cobertura nas ipanemas da vida. Nesses 17 anos de união, muitos artistas passaram por nós. E naturalmente muitos fatos curiosos. Em ordem alfabética — e omitiremos tantos! —, em estilo meio biográfico, contaremos passagens inéditas. Curiosas porque envolvem nomes que foram ou são famosos. Hoje eu sou produtor da Rede Globo e Miêle é ator da Rede Globo. Faltava-lhe a **Praça da Alegria** para provar a sua versatilidade. Miêle tirou o **smoking** e invadiu a classe média, sem pedir licença. Certa vez, numa festa de grã-finos que tentávamos penetrar, ao sermos interpelados pelo mordomo: “Quem são os senhores?” — Miêle, com uma agilidade rara, rebateu: “O senhor não lê jornais?”. Até isso deixou de ser piada. Hoje Miêle é indispensável em qualquer festa colunável...

A De Arquitetura. Naquela faculdade começamos a desenvolver um trabalho adulto. Mil pessoas assistiram à maior e mais selecionada concentração da bossa-nova. Tom, Vinícius, Nara, Menescal, Luiz Carlos Vinhas, Chico Feitosa, Sérgio Ricardo, Johnny Alf,

Pedrinho Mattar, Caetano Zamma, Claudete Soares, Baden, Rosana Toledo, Elza Soares, Trio Irakitã, Os Cariocas, Lúcio Alves e uma dupla que começou fazendo par em casa de Nara: namorados recentes e pela primeira vez se apresentando em público sob as bênçãos de Vinícius: João Gilberto e Astrud: “A Noite do Amor do Sorriso e da Flor”: 1960. No auge da festa, o palco foi regado — um anfiteatro — por um salutar pipi vindo do segundo andar. Este garotinho hoje atende pelo nome de Marcos Valle... A de **Alô Dolly**. Um dos primeiros musicais realizados pela Rede Globo. Detalhe: os cantores jamais haviam usado um disco sequer. Digamos então: o pessoal que cantava era o seguinte: Márcia de Windsor, Darlene Glória, Normando, Hilton Prado e... Bete Faria.

B De Beco, de Baden, de Blow-Up. O Beco merece um livro. Lá foram barrados: o então todo-poderoso Barão Stuckart, Milene Demongeot, Jean-Paul Belmondo. Pela simples falta de espaço físico. O Beco (Bottle's) possuía as dimensões de um elevador grande... No Beco, o garçom tinha que ser **maitre** (espaço físico) e naturalmente as mandadas se sucediam. Deste **maitre** duas famosas: “Escuta, estão pedindo para eu atender muito bem ao Didu e a Teresa. Quem é Didu?” Este mesmo rapaz pediu com certa arrogância a carteira de identidade de Walther Moreira Salles para conferir um cheque. Cheque no Beco era mais perigoso que **napalm** em mão de recém-nascido.

“Quem tinha medo de Elis Regina éramos nós”

No Beco, Lennie Dale quebrou a cabeça durante um número de dança — chocou-a contra a parede (olha o espaço físico de que lhes falava) — e, ao continuar dançando, manchou com sangue umas trinta pessoas colunáveis. Jorginho Guinle sem dúvida o mais importante. Permaneceu impassível. Sentado no chão, ao lado da namoradina da época. No Beco nasceram, entre outros: Elis Regina, Simonal, Sérgio Mendes, Jorge Ben, Vinhas, o Tamba, Edson Machado e Flora Purim. Esta, aliás, era chamada de canja das 4. Antes deste horário era proibida de cantar (olha aí um gol contra). No Beco eu perguntei a Elis



Hoje, a dupla trabalha na G... Como produtor, outro como ator. Quando se reúnem é para a carinhosa recordação dos muitos trabalhos realizados.

Regina se ela se julgava uma Barbra Streisand — tantos eram os bolos. Ela disse que sim. No Beco, como diz Miêle, nem todos os **shows** eram nossos. Mas o Beco era... B de bossa-nova. Até prova em contrário, o maior movimento musical brasileiro criado de 1960 pra cá. B de Blow-Up, uma casa — dez anos depois — criada em São Paulo sob nossa orientação artística. A decoração levava a marca do genial Wesley Duke Lee. Arranjamos um advogado safo que nos conseguiu

um contrato **sui generis**. Nós ganhávamos sempre mais que os donos da casa. A alegria durou pouco. Lá, durante um **show** de Bethânia e Lennie Dale, Sérgio Porto cometeu uma de suas últimas piadas. “Ou esses caras são muito quentes ou tem alguma coisa aí pegando fogo.” Realmente a peruca de uma senhora começava a virar carvão graças à distração de um fumante adormecido pelo pileque.

B de Baden. A quem — sem querer — salvamos

de um suicídio. Pra vocês não pensarem que é mentira, vejamos como tá tudo bem vedadinho, mas já que tem **show** “vambora”. Baden curtiu na solidão da Barra uma daquelas dores que nem alce segura...

C De Canecão. Onde produzimos todos os **shows** de Roberto Carlos. Num deles, o maestro Chico Moraes, espírita e vidente famoso, garante ter recebido o espírito de Carlos Gomes e ter regido o **Guarany** muito bem solfejado por

Roberto Carlos que, aliás, no momento cantava **Detalhes**...

C De Cláudia, uma cantora que supunhamos poder desbançar Elis Regina e que, a meu pedido, fez um **show** cujo título seria **Quem Tem Medo de Elis?** Eu perguntei e uma semana depois respondemos eu e o sócio: “Nós!” C de Carlos Lyra meu respeitável parceiro em tanta coisa bonita. Principalmente com Vinícius. Carlinhos, caústico e agudo, diz que não é dele e sim de Sérgio Porto a piada que diz ser Elis a primeira

Fotos de Gil Pinheiro

pessoa a tazer Rio-São Paulo a nado. Naturalmente, referindo-se ao estilo da moça naqueles idos.

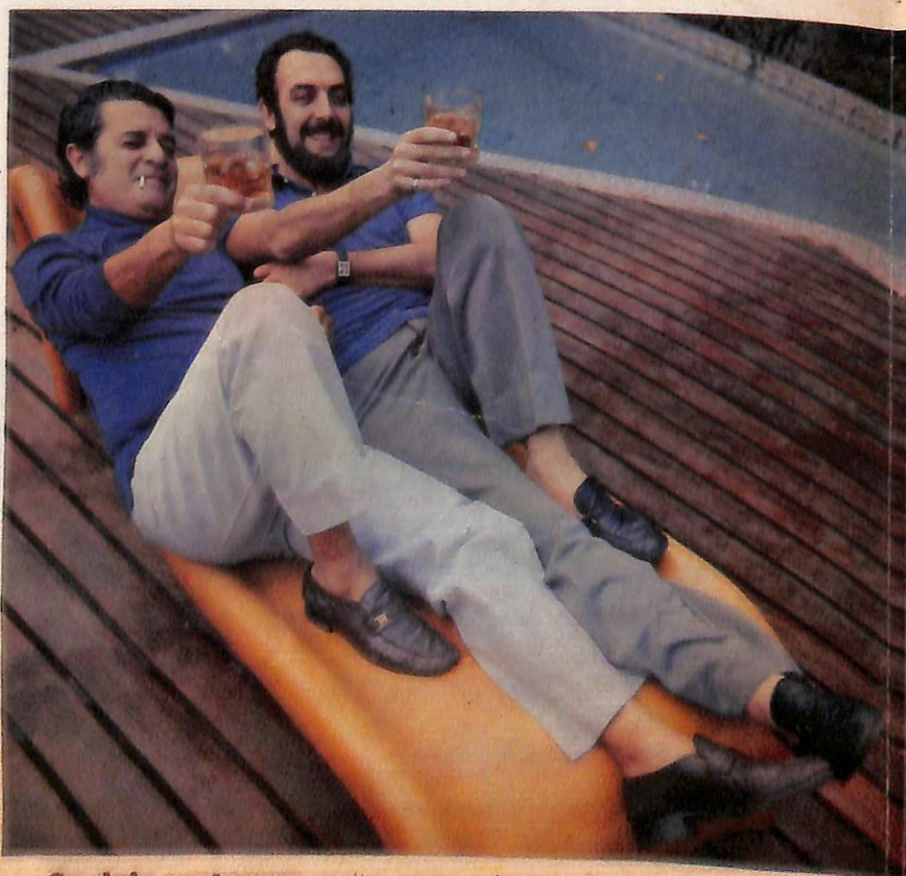
D De Darlene, pessoa linda a quem lançamos cantando e representando no Beco. Muitos Becos depois (Porão 73), Darlene fez um **show** com Miêle e com o busto à mostra. Claro que o **show** levava a garantia de Mariel Mariscot, então seu namorado. Creio que com Darlene realizamos o único **show** com tiros verdadeiros. A moça realmente tinha um peito impressionante...

“No copo, Dionne Warwick, derrotou Miêle”

D de Dionne Warwick. A única mulher a derrotar Miêle num duelo etílico mas honesto, na boate Pujol. É bem verdade que Dionne também saiu chamando urubu de meu louro. E afirmava para os ouvintes que Burt Bacharat era o inventor da bossa-nova. O último golpe foi desfechado por Miêle que, no auge do porre, a interrompeu — para o desespero dos fregueses — exigindo cantar com a negra **Alphie**. Miêle foi retirado do micro quase sem sentir e quase sem sentidos.

E De Elis. Passo a palavra a Miêle: “Fui padrinho, diretor, parceiro, produtor e ainda sou seu fã. Com Elis fiz no Teatro da Praia o melhor **show** da minha carreira.” Aliás, opinião de Jim Webb (autor de **Mac Arthur's Park**). A Elis nós devemos o prêmio da Crítica de São Paulo (pelo especial) um prêmio sério. Não desses inventados pela TV para se autopremiar. Prêmio mesmo. Seria injusto com o meu parceiro dizer que Elis foi nosso melhor todo. Mas para mim foi mesmo. E de Eumir Deodato, o sujeito que teve o peito de abandonar — no ar — a cadeira de jurado de um desses muitos festivais televisuados. Premido por forças nem tão ocultas, ele preferiu pegar seu boné, boné este que usava até bem pouco nos Estados Unidos, onde fez um nome desse tamanho e indiretamente provou que sabia um pouco mais de música que os jurados de então.

F De Fino da Bossa. Um bom programa, mas já nos seus estertores (2 anos no ar), e que conseguimos ressuscitar. Devo muito à intervenção de Luiz Eça, o primeiro juiz de paz entre Elis e eu. Ele era o diretor musical do **Fino**, tá certo, mas Elis era simplesmente a **dona** da TV Record.



Os dois custaram muito a passar do cuba-libre do Beco das Garrafas, em Copacabana, ao uísque das coberturas em Ipanema. Sempre investindo seus talentos em espetáculos.

"Mièle nunca entrara numa igreja, mas para substituir um coroinha faltoso deu uma de acólito na cerimônia do meu casamento com Elis Regina"

Da nossa reconciliação nasceu o casamento. Que aliás começou com uma separação: a dos bens. Durante a cerimônia religiosa um dos repórteres perguntou ao Marcos Lázaro se além dele Elis também era judia. Por quê? O rapaz voltou em seguida: então quem é aquele rabino que está ajudando a cerimônia? Era Mièle, que jamais pisara numa igreja mas que para quebrar o galho do coroinha faltoso repetia textualmente as palavras do padre. O cavanhaque invocou o repórter e provou que Mièle ainda não era tão famoso...

de Gato Barbieri. Então um anônimo músico argentino. Como Astor Piazzolla. Ambos a convite de Maysa integraram seu conjunto numa festa memorável acontecida em Buenos Aires em casa de outro cobra: Sergio Mianovich. Lá Luiz Eça se perdeu entre os muitos quartos do quase castelo e, ao tentar sair pela janela, foi confundido como ladrão e imediatamente detido pela segurança doméstica. Só depois de muito papo Luiz Eça, para gáudio dos presentes, voltou à sala e executou pela primeira vez **O Barquinho**.

de Gene Kelly. Bola com Mièle. Fui ao Copa combinar com Gene a entrevista que faríamos para a Globo. Bati à porta e ele mandou um "come in!" Desbundei ao ver Gene, tantos anos depois, vestido com uma roupa igual à que ele apresentou em **Sinfonia de Paris**. Ele sentiu minha emoção e eu, para desfazer-me daquela situação, solfejei: "It's wonderful." O homem de bate-pronto respondeu "It's marvelous." Uma grande gargalhada escondeu minhas lágrimas. Não, Gene, nada disso, é que eu choro muito quando rio...

de Gemini V. Um show que criamos para Luiz Carlos Vinhas, Pery Ribeiro e Leny Andrade. Um ano em cartaz no Rio e dois anos no México. No 2.º aniversário do espetáculo recebemos, eu e Mièle, um telefonema mexicano. Uma semana depois, gravado em fita, **O Barquinho**, cantado por Lucho Gatica e João Gilberto. Um luxo! Lucho era o grande cantor curtido por Mièle quando garotão!

de Henry Mancini, o famoso compositor e maestro a quem conhecemos em casa de Nelson Motta e que, ironicamente, perguntou-me quantos iates os direitos autorais do **Barquinho** me haviam proporcionado. Já naquele tempo Mancini afirmava ser o Brasil o maior filão musical do mundo. Vocês são muito ricos musicalmente. Hoje eu diria: nem tão ricos, nem tão roques.

de Imprensa. De onde jamais me afastei totalmente e onde Mièle está

exercitando os primeiros passos. Minhas histórias na Bloch estão a merecer outro livro. Certa vez, discutindo salários com Titio Adolpho, e tendo ganho a batalha, dele ouvi pela primeira vez a expressão: "Já não se fazem judeus como antigamente..."

de João Marcello. Meu sempre querido filho, hoje transformado em memória porque assim foi determinado.

de João Gilberto. De quem a biografia será sempre mesclada de um forte folclore. João, meu sempre amigo, meu às vezes parceiro, meu hóspede na época das vacas magras. João, entre outros predicados, é mágico. Conseguia tirar água da pedra, ou seja: meu único suéter para ser capa de seu primeiro disco. Meu único terno de **cashmere**, que depois de muitas andanças se transformou num reluzente tropical inglês. Gênio se escreve com G mas num próximo Aurélio, em se tratando de João Gilberto, um J não pegará mal.

de Joan Crawford, a famosa atriz de quem recebemos (Mièle e eu) muitos beijos mercê de um bem realizado show no Hotel Copacabana Palace. Naquele dia lançamos no Brasil o primeiro desfile de modas em que as manequins dançavam. Derrubamos um velho tabu que dizia: homem é homem, mulher é mulher, manequim é manequim. Do palco, duas — Bety Sadi foi uma delas — já saíram noivas. E, no palco, Miss Crawford, com uma pequena piscina de gim numa das mãos, saudou-nos efusivamente.

de Juarez Machado, com quem realizamos um show tão tão que nem a crítica conseguiu descobrir defeito. Uma consagração. Eu não diria uma consagração de público. Mas estas coisas gratificam.

de Lennie Dale. O cara que ensinou quase tudo a quase todos no Beco ou fora dele. Com Lennie lançamos também o Dzi Croquettes. Meninos, eu vi — Hotel Nacional — o queixo de Liza Minnelli descer até à altura do colo quando Lennie dançou. Da mesma forma que jamais vi Lennie entrar em cena sem ensaiar

50 vezes cada música que iria cantar ou dançar.

de Liza Minnelli. Alô Mièle, a palavra é sua: "Conheci Liza quando seríamos jurados de um baile de carnaval. Ela, aliás muito gentil, premiou uma senhora com notas muito grandes pelo simples fato de eu dizer tratar-se da minha excêntrica tia-avó. Mas entre Liza, Anita, minha mulher e eu aconteceu uma história gozada. Anita, estou aqui no saguão do hotel com a Liza, quer vir pra cá? Ela respondeu que mais tarde. A progressão respeitou a seguinte ordem: Anita, estamos bebericando aqui no bar. Anita, estamos no bar da piscina. Anita, estou aqui no quarto de Liza tomando uma vod... Minha mulher surgiu em 4 minutos. Mesmo."

de Maysa. A quem eu devo muito e a quem a música moderna brasileira deve bastante. De Maysa já contei muitas histórias, prefiro guardar boas recordações.

O encontro com Gene Kelly teve até choro

de Marcel Marceau, o mímico eterno. Atraído pelo nome do nosso bar Monsieur Pujol Le Pétomane (este o nome completo), um francês exótico que na própria França só é conhecido pelos entendidos (no bom sentido desta hoje perigosa palavra), nosso Marceau pintou em Ipanema. Numa noite de tão boas coincidências conseguimos reunir ali: Stevie Wonder, que pintou sem nem saber quem era Pujol. Elis Regina, Simonal, Ivã Lins, no auge de sua carreira. Aconteceu o show e Marceau, provando ser um gênio, usou Mièle como corpo e por trás dos seus braços gesticulava à inflexão que Mièle sugeria. Detalhe: Marceau só sabe de português: **Rio, boa-noite e top top**. Os braços de Marceau naquela noite falaram a língua dos gênios.

de Marianna. Minha filha de seis meses cujos olhos muitos líquidos já me espantam.

de Nara Leão Diegues. Moça em quem não acreditei como cantora e



Em 1967, Böscoli se casou com Elis Regina.

hoje para ela tiro o chapéu que não tenho. Moça a quem sempre creditei ser a **hostess** da bossa-nova. Em casa de Nara nasceram muito mais mestres e sabe muito mais do que a gente supõe. Para mim a Praça — que será ampliada — é um grande sarro.

de Os Cariocas, um dos maiores grupos vocais formados no Brasil em todos os tempos. E com quem trabalhamos tanto.

de Osmar Milito, hoje em dia um dos mais bem sucedidos pianistas da noite. Osmar, entretanto, para Araci de Almeida, com quem iria fazer um show — começo de carreira — sendo analfabeto em Noel Rosa, é um pianista que não resta a menor dúvida. No show Almeida e Almeida (o outro era Murilinho de doidas memórias) atacou Tenório Júnior (onde estás que não respondes?) de quem desconhecíamos saber todo o repertório de Noel. Tenório sempre foi surpreendente. Vai ver virou estrela e a gente continua procurando o homem...

de Primeiro Tempo 5x0 (Cido, Taiguara, Claudete Soares). Estréia de Marcos Vasconcelos como cenógrafo. P de Pelé, meu grande amigo. Meu e do Mièle. Pelé, poucos sabem, gravou um compacto com Elis Regina sem um pinga da pouca voz que gastara à tarde espinafrando companheiros e inimigos para classificar o Brasil...

de Praça da Alegria. Alô, Mièle, o microfone é todo seu. "A Praça para mim foi uma grande escola de humor. Aprendi com atores mais velhos como conduzir o riso pelas rédeas. Sinceramente até aqui, quando redigia meus textos, supunha fortes certos ganchos e vice-versa. Entre outras coisas, aprendi a conduzir meu espetáculo. A Praça também acabou por abrir horizontes que até aqui, confesso,

ela, com aquela peruca loura, estava a cara de dona Maria, sua mãe... Como explicar isso para Sarah Vaughn? Certamente não realizaríamos o segundo show que, aliás, aconteceu no Tuca em São Paulo. de Sandra Bréa. Parceira de Mièle que depõe: "Já no show **Regina Mon Amour** a dupla começou a aparecer muito. Eram tantos os comentários que acabamos ensaiando a dupla e realizando shows por todo esse Brasil. Na televisão, vivemos um espetáculo de crítica muito dividida. Mas para nós de um excelente nível e bastante gratificante. Foram dois anos de um trabalho bonito, sincero e arrojado. de Sergio Mendes. Um menino de infância muito sofrida que jamais se entregou. Sérgio, desde o dia em que apareceu no Beco e pediu licença para mostrar algo acumulado com muito carinho — seu imenso talento —, já era profeta. Com estranha convicção afirmava: "Um dia eu chego lá e o Sinatra vai bater palmas para mim." Antes disso, produzimos para o Mendocca muitos shows. Depois o garoto viajou e um dia recebi uma foto dele ao lado do Sinatra. O texto do jornal dizia: "Sinatra está empolgado com Sérgio Mendes." Ao final do recorte escrito a tinta uma frase a mim dirigida: "Eu não disse, velho?"

Tom Jobim quis vender o cachê não recebido

De Roberto Carlos, outro que está a merecer um livro. De Roberto conseguimos quebrar dois tabus. O do texto e o da grande orquestra. No Canecão, o homem se desinibiu. Demais, até. Jamais trabalhei com um profissional com tão grande carisma. A intuição de Roberto é algo muito especial. Com ele mantenho uma cerimoniosa/intima amizade. Ele transa num astral que apenas nos é dado testemunhar, jamais participar. Sobre outro plano de valores quem tem muito do Roberto é seu xará: Menescal, meu eterno parceiro. Acho que não foi por acaso que esses dois Robertos nasceram no Espírito Santo...

De Simonal. Um dos maiores potenciais musicais que a maldade do destino jogou por terra. Pagando taxas extorsivas. Juros e correção. Depois de um dos muitos shows que fizemos com Simona, ouvi de Sarah Vaughn a afirmação de que no Brasil ela não viria um cantor tão bom e tão alegre. Por que será que ele ri tanto em cena? Simonal contou-nos que

morando com Brigitte Bardot, pode estar criando gado na Austrália e pode estar muito pra lá de Marrakesh. Tuca, onde anda você. Cade aquele talentão?

de Tom Jobim, meu parceiro proibido, mas meu amigo consentido. Com Tom tenho algumas poucas coisas que jamais foram gravadas para evitar certos ciúmes. A introdução de **Nota Só**, por exemplo, é de nossa autoria. Certa vez, Tom, dobrado pelo carinho que nutria (e nutre) pelo Mièle, concordou em comparecer ao **2 no Balanço**, um dos últimos programas da já debilitada TV Excelsior. Depois de várias tentativas para receber o cachê combinado, Tom, que ganhara um prêmio nos Estados Unidos, redigiu num bar o seguinte texto para ser colocado entre os atuais anúncios classificados: **Compositor premiado vende, por motivo de viagem, um cachê em ótimo estado. Tratar etc...** Claro que a brincadeira acabou ali. O que é infinito: o humor de Tom. Ninguém é tão cínico, inteligente, agudo e musical como ele. Não fosse um brasileiro com B maiúsculo.

de Tuca. Com quem Mièle estreou nos palcos. Ele explica: "Éramos produtores da moça e sentíamos necessidade de alguém ao lado dela para dividir o show. Acabou sobrando pra mim esta incumbência. Não sem antes ingerir muitas garrafas de gim. **Uma Noite Perdida com Tuca e Mièle** foi nosso show de estréia. Boate Ruy Bar Bossa. Depois de alguns shows encerramos a parceria com o bem comportado título de **Tuca Mièle 69**. Ano da safra e do evento. Tuca, essa gorda imprevisível, pode estar

ela, com aquela peruca loura, estava a cara de dona Maria, sua mãe... Como explicar isso para Sarah Vaughn? Certamente não realizaríamos o segundo show que, aliás, aconteceu no Tuca em São Paulo. de Sandra Bréa. Parceira de Mièle que depõe: "Já no show **Regina Mon Amour** a dupla começou a aparecer muito. Eram tantos os comentários que acabamos ensaiando a dupla e realizando shows por todo esse Brasil. Na televisão, vivemos um espetáculo de crítica muito dividida. Mas para nós de um excelente nível e bastante gratificante. Foram dois anos de um trabalho bonito, sincero e arrojado. de Sergio Mendes. Um menino de infância muito sofrida que jamais se entregou. Sérgio, desde o dia em que apareceu no Beco e pediu licença para mostrar algo acumulado com muito carinho — seu imenso talento —, já era profeta. Com estranha convicção afirmava: "Um dia eu chego lá e o Sinatra vai bater palmas para mim." Antes disso, produzimos para o Mendocca muitos shows. Depois o garoto viajou e um dia recebi uma foto dele ao lado do Sinatra. O texto do jornal dizia: "Sinatra está empolgado com Sérgio Mendes." Ao final do recorte escrito a tinta uma frase a mim dirigida: "Eu não disse, velho?"

de Tom Jobim, meu parceiro proibido, mas meu amigo consentido. Com Tom tenho algumas poucas coisas que jamais foram gravadas para evitar certos ciúmes. A introdução de **Nota Só**, por exemplo, é de nossa autoria. Certa vez, Tom, dobrado pelo carinho que nutria (e nutre) pelo Mièle, concordou em comparecer ao **2 no Balanço**, um dos últimos programas da já debilitada TV Excelsior. Depois de várias tentativas para receber o cachê combinado, Tom, que ganhara um prêmio nos Estados Unidos, redigiu num bar o seguinte texto para ser colocado entre os atuais anúncios classificados: **Compositor premiado vende, por motivo de viagem, um cachê em ótimo estado. Tratar etc...** Claro que a brincadeira acabou ali. O que é infinito: o humor de Tom. Ninguém é tão cínico, inteligente, agudo e musical como ele. Não fosse um brasileiro com B maiúsculo.

de Tuca. Com quem Mièle estreou nos palcos. Ele explica: "Éramos produtores da moça e sentíamos necessidade de alguém ao lado dela para dividir o show. Acabou sobrando pra mim esta incumbência. Não sem antes ingerir muitas garrafas de gim. **Uma Noite Perdida com Tuca e Mièle** foi nosso show de estréia. Boate Ruy Bar Bossa. Depois de alguns shows encerramos a parceria com o bem comportado título de **Tuca Mièle 69**. Ano da safra e do evento. Tuca, essa gorda imprevisível, pode estar

morando com Brigitte Bardot, pode estar criando gado na Austrália e pode estar muito pra lá de Marrakesh. Tuca, onde anda você. Cade aquele talentão? de Tom Jobim, meu parceiro proibido, mas meu amigo consentido. Com Tom tenho algumas poucas coisas que jamais foram gravadas para evitar certos ciúmes. A introdução de **Nota Só**, por exemplo, é de nossa autoria. Certa vez, Tom, dobrado pelo carinho que nutria (e nutre) pelo Mièle, concordou em comparecer ao **2 no Balanço**, um dos últimos programas da já debilitada TV Excelsior. Depois de várias tentativas para receber o cachê combinado, Tom, que ganhara um prêmio nos Estados Unidos, redigiu num bar o seguinte texto para ser colocado entre os atuais anúncios classificados: **Compositor premiado vende, por motivo de viagem, um cachê em ótimo estado. Tratar etc...** Claro que a brincadeira acabou ali. O que é infinito: o humor de Tom. Ninguém é tão cínico, inteligente, agudo e musical como ele. Não fosse um brasileiro com B maiúsculo.

Aloísio de Oliveira: "É a primeira pessoa a quem o cheiro do sucesso não inebriou. Não dá pra entender." de Valéria. **Partner** do Mièle.

Com ela, eu fiz **Um Homem, Uma Mulher**. Fui praticamente "a escada" daquele, digamos, mulherão. E apresentei-a à sociedade carioca que a prestigiou mais que a conta. Não sabemos se certo senhor era muito miópe, mas, às expensas dele, Valéria várias vezes ia a São Paulo e voltava para o show no seu jatinho particular. de **Viva Marília!** outro programa de televisão que nos conferiu um prêmio muito importante. Mas o talento de Marília Pera é capaz desses prodígios. Para a dupla, Marília Pera é uma das mais completas artistas brasileiras. Eu diria, a mais.

Xaxa e Xeréu, dois nordestinos loucos que pretendiam fazer um show no Beco das Garrafas substituindo Simonal que iria pra São Paulo. Hoje em dia — quando os gostos e as excentricidades andam tão plurais — quem sabe eles até agradariam? Mas naquele tempo se alguém ajoelhasse tinha mesmo é que rezar. Afinadinho. E lendo a parte da música...

de Zum Zum. A casa noturna que, sob grande dose de audácia de Paulo Soledade e Aloísio de Oliveira, emancipou a bossa-nova, profissionalizando-a a níveis de grandes salários e consequentemente grandes cartazes. Lá só nos foi permitido um **happening** com a então Irene Singery. O show fez sucesso. Principalmente no Country e nas quebradas do Arpoador, local sofisticado que antecedeu o pier da Gal.

Mièle e Böscoli prometem voltar muito breve a este palco, perdão, a estas páginas, para contar a longa história da bossa-nova. **Sorry**, Tinhorão...



Ronald Böscoli fez inúmeros shows com Wilson Simonal, cantor dos mais alegres. Isto antes do destino maldoso cobrar ao artista juros e correção monetária.